

JOÃO BORGES FORTES E A CONTRUÇÃO DA HISTORIOGRAFIA SUL-RIOGRANDENSE LUSO-AÇORIANA

Ieda Gutfreind (UNISINOS. São Leopoldo. RS/BR)

O artigo analisa a produção de um historiador gaúcho, o general João Borges Fortes e suas relações com o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), objetivando refletir de forma analítico-crítica acerca da construção da história oficial ou tradicional sul-riograndense pela primeira geração de associados do Instituto. Selecionamos Borges Fortes, elegendo-o como representante exemplar de um grupo de colegas de ofício, seus contemporâneos. Relacionamos a análise das propostas que animaram a construção do Instituto Histórico gaúcho, com a produção de um historiador, a partir de um modelo teórico, cujo conjunto de obras trata dos inícios da história do Rio Grande do Sul (RS).

É com o entendimento da conjuntura nacional e gaúcha, localizando-a a partir da segunda década do século XX, que podemos realizar uma análise do comportamento desta academia histórica e da produção de seus associados.

O RS, na década de 20, após o conflito interno que passou à História como *Revolução Assisista*, encerrado com o Pacto de Pedras Altas, gradativamente encaminha-se para um projeto conciliador amplo. As oposições políticas gaúchas, inseridas na vaga dos nacionalismos e até então radicalizadas, aproximam-se e reorientam suas ambições, abandonando as disputas internas. Unidas em uma Frente Única, focam seu interesse em *agauchar o Brasil* pretendendo, em verdade, ter o estado sulino reconhecido no contexto brasileiro e garantir espaços no centro do poder. É com esta intenção que não apenas historiadores mas também políticos empenham-se em construir uma identidade brasileira e nacional para o estado gaúcho. Constróem uma história do RS, preservando suas singularidades mas, acima de tudo, buscando as

similaridades de sua história com a dos demais estados. Dão-lhe uma origem portuguesa e o envolvem em um forte - quiçá um maior - sentimento de brasilidade que o apresentado pelos demais estados da federação. As construções históricas da primeira geração dos sócios do Instituto aproximaram o RS do centro do país e é essa criação histórica que resulta no que nomeamos *tese* ou *matriz lusitanista* da nossa historiografia que se contrapõe à matriz hispânica, ou - se preferirmos - *platina*, que reconhece aproximações do RS com a área do Prata, especialmente ao longo do seu passado colonial.

Vencedores nesta disputa ideológica, *os lusitanos*, que ainda se fazem presentes na historiografia atual, ou mais especificamente, os *açorianistas* tornaram-se hegemônicos por longas décadas. Tomando como ponto de partida a colonização portuguesa do Nordeste, iniciada no século XVI, consideram *tardio* o início histórico do RS, pois o dataram no século XVIII, com o povoamento oficial português que patrocinou a vinda de colonos dos Açores. Esses, segundo tal perspectiva, teriam se radicado em uma *terra de ninguém*, em um *espaço vazio*. Em verdade, desconsideraram a população nativa que ali habitava, além de outros que nela já se tinham fixado. Deixaram de lado mais de um século de História, ignorando os seus primeiros *habitantes* primitivos para construir um RS português-açoriano e brasileiro. Afirmaram que a população sulina a ferro e fogo defendera as raias da Colônia, do Império e da República dos inimigos espanhóis/castelhanos, demonstrando um sentimento nacionalista sem par na história. É nesse espaço teórico-ideológico que situamos a obra de Borges Fortes.

Introduzindo nosso autor e sua obra na conjuntura histórica e na respectiva construção historiográfica que explanamos acima, tomamos como referências as ocorrências que atendem nossos propósitos: a) na década dos anos 20 do século passado, as comemorações quando da criação do IHGRGS, em 1921, b) o discurso "A Estância"¹ que João Borges Fortes pronunciou quando da sua posse como sócio correspondente nesse grêmio, uma década após sua fundação e c) duas de suas obras: *Casaes*² e *Rio Grande de São Pedro: povoamento e conquista*.³

¹ A Estância, discurso de posse no Instituto Histórico, In: Revista IHGRGS, nº 93. Porto Alegre, 1944, p. 8-26.

² FORTES, Jorge Borges. *Casaes - História*. 1ªEd. Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1932. 268 p.

Devemos ter em conta que o general Borges Fortes, como historiador, viveu em um contexto político-intelectual, marcado pelas concepções positivistas-comteanas. Solidário com as idéias de seus companheiros agrupados em torno do IHGRGS, em suas pesquisas, priorizou o indivíduo na construção da História, o *homem de gênio* na concepção de Comte e de seus seguidores. Os discursos do ato inaugural da Instituição abrem um universo teórico-histórico que nos permite identificar essa concepção e estabelecer relações entre a produção de João Borges Fortes e o pensamento histórico predominante. Esse historiador identifica-se com a maioria dos seus pares, uma vez que faz parte de uma comunidade intelectual solidária.

Passemos à inauguração do IHGRGS, cujos pronunciamentos estão reproduzidos no primeiro número da Revista da Instituição,⁴ a fim de nos inteirarmos das percepções históricas dos confrades do Instituto Histórico.

Florêncio de Abreu, o primeiro presidente da Associação, em seu discurso, historia as várias tentativas frustradas de criação de uma *Casa* que abrigasse aqueles que se dedicavam à "ciência sagrada", os quais tinham a árdua missão de produzir trabalhos que "... versarão portanto, principalmente, sobre a história pátria e especialmente do Rio Grande do Sul...". Antecipava o futuro, assim como seus companheiros, afirmando:

"... Trabalharemos desinteressadamente, ou, antes, não nos moverá outro interesse que não o do patriotismo e o da verdade histórica. A nossa preocupação capital será a verdade, só a verdade, sempre a verdade. Para conseguiremos, porém, a formação de um juízo impessoal dos fatos, será mister de nossa parte uma perfeita isenção de ânimo; e essa imparcialidade necessária exige que o nosso juízo recaia somente sobre os acontecimentos em relação aos quais nós sejamos verdadeiramente a posteridade, evitando que as influências do meio e as nossas próprias tendências políticas atuem sobre o nosso julgamento, desvirtuando a missão superior do Instituto..."⁵

³ FORTES, Jorge Borges *Rio Grande de São Pedro: povoamento e conquista*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Gráficos Bloch, 1940. 177p.

⁴ Revista do IHGRGS. Porto Alegre, I trimestre, nº I, ano I, 1921.

⁵ *Ibid.*, p. 125.

Lindolfo Collor, em **A História e o Instituto Histórico**⁶, nessa mesma ocasião, destaca a necessidade de "um esforço continuado e metódico na divulgação de elementos históricos que jazem desconhecidos nos arquivos públicos e particulares"⁷. A História é vista: "... como uma ciência de observação em que se resumem todas as outras, a sua sistematização não será possível sem um estudo constante dos fatos que nele se concatenam, de sorte a se irem estabelecendo em leis todos os fenômenos que se ligam entre si por circunstâncias invariáveis de semelhança, coexistência ou sucessão"⁸.

Já o orador oficial da inauguração, o primeiro-tenente e historiador Emílio Fernandes de Souza Docca, enfatiza a necessidade de uma proposta de trabalho coletivo:

" Cremos que o "Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul", iniciado, como acabamos de ver, sob tão bons auspícios, poderá realizar agora aquilo que o esforço de um só dificilmente conseguiria - uma obra histórica digna do Rio Grande do Sul... Estamos convencidos de que sem este Instituto o Rio Grande do Sul continuará a ter e produzir muitos historiadores ilustres, mas temos as nossas dúvidas se a sua história será escrita como é mister que o seja, visto que para tanto nos parece indispensável o trabalho conjugado e harmônico de muitos...". (p. 129)⁹

Tais excertos nos permitem identificar um corpo de pensamento comum entre a intelectualidade gaúcha – na qual incluímos Borges Fortes – e as de Comte e de outros como Taine, Spencer e Buckle. Temos nos precavido do termo *positivismo* pois, o conceito, abriga várias significações. Para nossos propósitos, limitamo-nos às teses fundamentais do pensamento positivista, que alimentam a produção de Borges Fortes e seus confrades, quais sejam: a ciência como o único conhecimento possível; a História

⁶ Ibid., p. 03 -07

⁷ Ibid., p. 06

⁸ Ibid., p. 04

⁹ loc. cit. p.129

como uma ciência sagrada; o método descritivo como exposição das relações constantes entre os fatos expressos em leis, permitindo previsões; a verdade externa ao historiador, pois contida nos documentos, e a crença na neutralidade do historiador em relação aos fatos históricos.

"Para vos conhecer, conheci a História", afirma Comte¹⁰, História resumida em etapas e/ou fases com as gerações sendo conduzidas por homens de gênio e em direção ao progresso, não devendo este ser entendido no sentido de transformações, mas sim de evolução, daí a máxima comteana de *conservar, melhorando*. A importância do estudo do passado reside no fato de que ele nos permite o entendimento da sua relação com o futuro e o presente: busca-se o passado, projetando-o ao futuro e, desta forma, assegurando-se o presente. Esse é o guia dos intelectuais/historiadores do IHGRGS em seus inícios. Vocábulo como cooperação, solidariedade, moral são constantes na doutrina comteana e se fazem presentes também nos textos dos quais extraímos os excertos acima e nos que selecionamos de Borges Fortes.

O arcabouço teórico positivista comteano permeado por idéias spencerianas, taineanas, dentre outras, dá suporte ao projeto da ação coletiva desse grupo de historiadores - dentre eles Borges Fortes -, os quais ambicionam construir uma história brasileira para o RS. Para alcançar tais propósitos intuíram a necessidade de ligar o RS à Portugal, mas foram mais longe, e, em vez de se voltarem ao continente, destacaram o luso-ilhéu-açoriano, considerando-o de *pura cepa portuguesa*.

Vejamos como João Borges Fortes agrega-se ao grupo, tendo sido aceito como sócio correspondente já que estava residindo no Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Em seu ingresso, seguiu o modelo de praxe entre os confrades da agremiação: apresentou-se com humildade, afirmando que, apesar de sempre ter se preocupado em manter sua personalidade, a vê diluída e apagada:

“... diante da majestade desta assembléia, dentro do recinto sagrado deste templo (...). Soma-se e funde-se a minha individualidade perante vós, sacerdotes conspícuos do culto do nosso passado, das nossas tradições, das glórias da terra natal, do nosso Rio Grande.

Culto que eleva, que engrandece, que dignifica, religião de patriotismo, doutrina cívica, evangelho de fé nos destinos de uma raça que fundou uma pátria, alargou-a, cimentou-a com seu sangue, defendeu-a ...".¹¹

"Na prática do ritual de vosso culto, este Templo descerra agora o seu pórtico para por ele entrar, não um novo crente, porque sempre comunguei no vosso credo, porém, um acólito humilde, que vem trazer-vos a sua exígua cooperação para a grandiosa missão do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul".¹²

"Toda obra humana é necessariamente de solidariedade (...) cultivar o passado e elevar o Rio Grande a maior glória no porvir (...) aqueles que ressurgem na história e na tradição, não se apagam nunca: Estamos sempre sob o seu influxo como forças místicas das famílias e da nacionalidade e os mortos governam os vivos sempre e cada vez mais".¹³

Aproximando os discursos de Florêncio de Abreu, Lindolfo Collor e Souza Docca aos de Borges Fortes identificamos uma mesma matriz que se superpõe. Para este último autor:

"Se os nossos olhos se aprofundam na indagação do que passou, o espírito se ilumina com a visão do futuro (...)"

"(...)a convicção que esse passado não poderá ser desmentido e que eles (nossos pósteros) devem ser os continuadores da mesma gloriosa tarefa, seguindo os exemplos legados pelos que vieram antes..."

¹⁰ MORAES FILHO, Evaristo (Org). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1978, p. 29

¹¹ A Estância. p. 9 In: Revista do IHGRGS, I trimestre, 1944, p. 08-26.

¹² Op. Cit., p. 9

¹³ Op. Cit., p. 9

"Apóstolos dessas doutrinas, alimentamos o fogo santo do patriotismo
..."¹⁴

A preocupação com a verdade está presente ao longo do seu discurso, e Borges Fortes se dispõe a encontrá-la nos arquivos, exercendo um trabalho metódico, comparativo, para chegar a conclusões seguras. Critica a influência das paixões que provocam deturpações na História, no entanto, ele mesmo impregnou de sentimentos patrióticos seu trabalho. Para ele, "O Rio Grande do Sul é fundamentalmente brasileiro, jamais desvirtuou-se do mais ardente nacionalismo".¹⁵

Em sua eloqüente defesa do brasileiro e do lusitanismo do RS e mais que tudo do açorianismo, e da combatividade – mas, não agressividade - dos gaúchos, busca as justificativas em sua origem, em "um pequeno grupo de obscuros lagunistas", destacando que "... vieram as duas mil **famílias açorianas...**", e conclui, minimizando algumas diferenças entre os brasileiros:

"Que importância têm essas diferenças físicas ou morais quando nos aproxima, em compensação, e nos une, um mesmo espírito de Pátria, a mesma língua, uma única crença religiosa, um passado histórico comum, forças místicas convergentes, um unânime ideal político e humano?"¹⁶

Para o autor em análise, a estância teria sido o elemento de fixação dos lusitanos numa "terra de ninguém (...) ocupado pelas tribos selvagens e esparsas...". Em seu extenso texto, João Borges Fortes traça a história do Rio Grande, nucleada nas estâncias. Uma bela página literária de interpretação da história sul-rio-grandense, a partir de preceitos defendidos não apenas por ele, mas pela grande maioria da primeira geração de historiadores do IHGRGS. A leitura d'A *Estância* é basilar, nela

¹⁴ Ibid., p. 10

¹⁵ Ibid., p. 11

¹⁶ Op. Cit. p. 12

identificamos uma matriz historiográfica que fez *escola*, e que, em sua maturidade é apresentada em *Casaes* e reafirmada em *Rio Grande de São Pedro*.

Com um discurso oficial, Borges Fortes, tornou-se confrade de uma plêiade de historiadores, mas o seu ingresso na Casa foi antecedido por uma produção histórica significativa, publicada na década de 1930, em especial nas Revistas do IHGRGS. Em sua totalidade, os assuntos referem-se ao período colonial da história sul-rio-grandense. Dentre alguns títulos, à guisa de exemplo, identificamos *O levante dos Dragões do Rio Grande de 1742*¹⁷, *Cristovão Pereira de Abreu*¹⁸, *Troncos seculares: o povoamento do Rio Grande*¹⁹, *Casaes*²⁰, *Fundação do Rio Grande*²¹, *Tropeiros*²², *Velhos caminhos do Rio Grande*²³, *O povoamento do Rio Grande*²⁴, *O Brigadeiro José da Silva Paes e a Fundação do Rio Grande*²⁵, *A frota de João Magalhães*²⁶, entre outros.

Listamos parte da extensa produção de João Borges Fortes, buscando subsídios para algumas reflexões. Conforme os títulos, elas abordam os tempos iniciais da ocupação oficial portuguesa no espaço que corresponde atualmente ao estado do RS. O desdobre natural seria sua condensação sob a forma de livros como *Casaes* e *O Rio Grande de São Pedro: povoamento e conquista*.

Em 1931 Borges fortes ingressara no Instituto Histórico, ocasião em que pronunciou seu discurso de posse, "*A Estância*" acima comentado²⁷. No ano seguinte - 1932- era publicada sua primeira obra sistematizada, *Casaes*, que se encontra na terceira edição sob o título *Os casais açorianos- presença lusa na formação sul-riograndense* (1999). Chamamos a atenção que fora acrescentado à segunda edição (1978) um subtítulo: *A presença lusa na formação sul-rio-grandense*. Esta obra simboliza a profissão de fé histórica do autor, presente no conjunto da sua produção. Sub-dividida em vinte e dois capítulos a leitura de cada um deles nos orienta em relação ao conteúdo. O primeiro

¹⁷ In: Revista IHGRGS. Porto Alegre, II trimestre 1939, nº 74, ano XIX, p. 217-23

¹⁸ In: Revista IHGRGS. Porto Alegre, III e IV trimestres 1931, nº 43/44, ano XI, p. 131-61

¹⁹ In: Revista IHGRGS. Porto Alegre, I trimestre 1932, nº 45, ano XII, p. 03-14

²⁰ Casaes-História. Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1932. 268 p.

²¹ Vol. 2 dos Anais do II Congresso de História e Geografia Sul -Rio-Grandenses. Porto Alegre. Livraria do Globo, 1937, p. 203-39. O congresso realizou-se em fevereiro de 1937 na cidade de Rio Grande

²² Vol. 2 dos Anais do II Congresso de História e Geografia Sul -Rio-Grandenses. Porto Alegre. Livraria do Globo, 1937, p. 73-82.

²³ In: Revista IHGRGS. Porto Alegre, IV trimestre 1938, nº 72, ano XVIII, p. 203-54

²⁴ In: Revista IHGRGS. Porto Alegre, III trimestre 1934, nº 55, ano XIV, p. 123-46

²⁵ In: Revista IHGRGS. Porto Alegre, III trimestre 1933, nº 51, ano XIII, p. 03-119

²⁶ In: Revista IHGRGS. Porto Alegre, I trimestre 1934, nº 53, ano XIV, p. 63 -93

²⁷ Outros trabalhos do autor publicados por esta época foram: O tupi na Corografia Rio-Grandense, Troncos Seculares (Povoamento inicial do Rio Grande) e Cristovão pereira

parágrafo do texto indica o fio condutor: "*Casais... Foi com essa denominação que passaram para a tradição e para a história de nossa gente os colonizadores do sul do Brasil, originários das Ilhas dos Açores*"²⁸ Na obra, avultam os documentos comprobatórios, e a insistência do êxito na escolha do povoador:

" Felizmente para o bem da humanidade, felizmente para a honra de Portugal, felizmente para os destinos do Brasil, o minúsculo reino tinha dentro de seu povo a gente predestinada para tão augusta missão. Era do Archipelago dos Açores que devia sahir a sementeira para fixar a raça e o ideal lusitano no sul do Brasil." ²⁹

A conjuntura portuguesa colonial e a população açoriana são o pano de fundo da sua narrativa que enfatiza, sob o comando da geografia física, as mudanças que se operam no açoriano em seu novo *habitat*;

" em poucos anos de novo meio e clima, de vida nova, mudou em um tipo originalíssimo: a população rio-grandense, tão diferente de outras da Europa e América, e até mesmo do Brasil. O pesado ilhéu, ao pouco tempo, não era mais reconhecível no lesto gaúcho, dominando o cavalo com a máxima destreza, trocados os hábitos sedentários, por um viver entre o arado e as aventuras da campanha semi-deserta, a índole refratária ao serviço militar, pelo entusiasmo guerreiro, o modo de ser pacato e tranqüilo, pelo de livre franqueza e espontânea vivacidade. Novas terras, novos usos!" ³⁰

A trajetória açoriana cruzando o Atlântico, sua permanência em Santa Catarina e seu deslocamento para o Rio Grande de São Pedro, no que se refere a sua distribuição geográfica é destacada, sempre em relação a preocupação física, racial e social do colonizador. A genealogia é o motor desta fixação, pois, conhecido seu local de origem

²⁸ 1ª Edição, p. 07.

²⁹ Ibid., p. 16

³⁰ Apud, p. 70.

nos são relatados³¹ os nomes de pessoas, os grupos familiares, seu número, a data de chegada, a distribuição das sesmarias e sua localização, os casamentos e a descendência.

É um texto voltado para a situação política do período colonial, quando discussões diplomáticas e conflitos se sucedem entre as Coroas Ibéricas e Tratados tentam pôr fim às crises. O espanhol ou castelhano é o inimigo sendo assim avaliado: "*a presença do castelhano dentro das fundações portuguesas era uma ameaça permanente à paz e tranqüilidade pública e, mais do que isso, uma ofensa intolerável ao pundonor nacional*"³². Neste quadro não muito tranqüilo, os colonos açorianos sobreviveram aos contratemplos, embora com perdas significativas.³³ Inseridos em uma sociedade militarizada, a população açoriana teria tido uma rápida adaptação e o autor, apoiando-se em outros historiadores gaúchos como em Aurélio Porto, ratifica suas palavras: " a contribuição dos Açores no povoamento inicial do Rio Grande, é a maior de todas..."³⁴

Os colonos açorianos em um determinado momento rebelaram-se, reagindo à situação em que viviam. Borges Fortes face a esta ocorrência os defende, justificando: "*...sofrendo todos os rigores da adversidade que os acompanhava desde a chegada ao Rio Grande, esquecidas as generosas ofertas do Rei, abandonados dos poderes públicos, dispersados ao sopro do tufão da guerra, colocados por ultimo em situação inferior á dos índios...*".³⁵ Segundo ele, não havia outra alternativa que a rebeldia. Os vê como vítimas de uma imensa e clamorosa injustiça.

O livro em seu final leva às últimas conseqüências o papel histórico exercido pelos açorianos, tidos como construtores do Rio Grande de São Pedro: "...Porque a história dos casaes é agora a história do Rio Grande, eles nada mais tem em comum com o arquipélago longínquo, só a saudade e a origem. Estavam integrados na Pátria Nova. Eram do Brasil".³⁶

³¹ Em troncos seculares o a já desenvolvida esta temática.

³² 1ª Edição, p. 173

³³ inseridos em uma sociedade militarizada a população logo adaptou-se e o autor apoia-se em outros historiadores gaúchos como Aurélio Porto.

³⁴ Ibid., p. 127.

³⁵ Ibid., p. 175

³⁶ Ibid., p. 249

Embora reconhecendo que: "Os homens dos Açores eram quase incultos..." destaca nosso autor a manutenção "...das rijas fibras de suas qualidades morais (...) sendo (...) essa a melhor herança que nos legaram".

A presença dos princípios comteanos e de Taine podem ser facilmente visualizados em cada página desta obra que partindo do meio, enfatiza o homem (raça) e o momento, enquadrando-os em uma perspectiva histórica política-administrativa. *Casaes* é o discurso mais acabado da perspectiva primordialmente açoriana do lusitanismo que durante muitas décadas do século XX foi a marca da historiografia sulina em seu afã de aproximar o RS do restante do Brasil.

Além de *Casaes*, consideramos *Rio Grande de São Pedro* outro amplo repositório da tese lusitanista da historiografia sul-rio-grandense. O pioneirismo de Borges Fortes na defesa da primazia portuguesa sobre a história do RS não deixa margem a dúvidas. Sua produção é um dos *carros-chefe* desta matriz teórico-historiográfica que se mostra na obra em toda a sua plenitude e, desde então, mesmo se renovando, muitos textos atuais mantêm-se similar a esta, em suas linhas mestras.

Em *Rio Grande de São Pedro*, o autor sistematizou os temas históricos aos quais vinha se dedicando há mais de uma década. Dentre os capítulos da obra, encontramos: *A frota de João de Magalhães, As Estâncias de Viamão, A Colônia do Sacramento e o Rio Grande, O Presídio Militar de Rio Grande, Gomes Freire no Rio Grande, Surto do Rio Grande Heróico, Lista dos Fronteiros, O parentesco dos lagunistas*. Conforme vemos, assuntos relativos aos primórdios do atual Rio Grande do Sul, já historiados e publicados pelo autor:

Selecionamos os trechos abaixo, de *Rio Grande de São Pedro...* a fim de ratificar a afirmação de que João Borges Fortes faz parte do seu momento histórico, está próximo dos demais historiadores e colaboradores, realizando a *missão* do IHGRGS esposando uma concepção de História a partir do positivismo comteano, que não é sua exclusividade. Marcadamente político-ideológica, eivada de nacionalismo, esforçando-se em construir uma identidade brasileira para o Sul é a característica maior da historiografia luso-açoriana:

"As lombas e canhadas de Viamão acolhera os nossos habitantes: erguem-se os ranchos, fundam-se as estâncias, rasga-se a terra para as sementeiras e os lares se povoam, viveiros benditos dos primeiros rio-grandenses que vêm a luz do sol **sob a bandeira do impertérito Portugal**".³⁷ (grifo nosso)

"Os fogões dos tropeiros, os currais dos invernadores, as estâncias dos desbravadores são os estadios de uma evolução, - terra virgem se transforma, é uma pátria nova que surge, é o **Rio Grande que nasce para a vida brasileira!**"³⁸ (grifo nosso)

"**As fronteiras do Rio Grande estavam consolidadas: como baluartes garantidores de sua segurança...**"³⁹ (grifo nosso)

Borges Fortes, ao colaborar na construção histórica do surgimento do RS como resultado da colonização portuguesa oficial, datada de 1737 por um acontecimento, a construção do Forte Jesus, Maria, José, façanha de um homem, José da Silva Paes, cria condições para afirmar ser o Rio Grande do Sul brasileiro porque português em sua origem, povoado e colonizado por lusitanos, lagunistas e, principalmente, açorianos. Confirma ser o estado o mais brasileiro de todos, pois garantiu as fronteiras da nacionalidade da ambição de inimigos espanhóis/castelhanos.

Assim como os demais lusitanistas, o autor consagra a tese do desinteresse e do abandono das terras do Sul, no início da colonização, por seu legítimo dono, Portugal, localizando, no entanto, no Tratado de Tordesilhas seu direito histórico de posse.

Borges Fortes pertence à primeira geração dos historiadores do IHGRGS, os quais gradativamente vão desalojando confrades que expõem pontos-de-vista históricos que de alguma forma, intentam aproximações com a Região do Prata. A matriz hispânica subsumiu à lusitana, e, apenas recentemente, pesquisas históricas vêm

³⁷ Op. Cit. p. 38

³⁸ Ibid., p. 52

³⁹ Ibid., p. 145

reconstruindo a história do RS, recuando no tempo e ampliando seu espaço⁴⁰. Devemos ratificar que a essa primeira geração outras se sucederam e um número representativo de pesquisadores mantiveram semelhantes posições historiográficas.

A seriedade com que Borges Fortes compilou uma imensa documentação - reproduzida fartamente em sua produção e, em especial, em *Rio Grande de São Pedro...* -, os arquivos que freqüentou - o Arquivo Público do Estado de São Paulo, o Arquivo e Biblioteca Nacional (arquivo do Conselho Ultramarino) -, a bibliografia que utilizou - autores como Varnhagem, Capistrano de Abreu, Alfredo Ferreira Rodrigues, Saint-Hilaire, Alfredo Varella, Jorge Salis Goulart, João Pinto da Silva, Padre Gay, Hemeterio Veloso, Pe. Teschauer entre outros -, as revistas onde pesquisou - a do Instituto Histórico do Rio de Janeiro e a do Arquivo Público Mineiro, o Anuário do Rio Grande -, são indicadores da sua preocupação com a documentação, dela extraindo o que considerava verdades históricas.

Seria ingenuidade ou simplificação considerar que o historiador se punha passivo frente aos documentos que encontrava; eles eram criticados, avaliados, e, muitas vezes não arriscando conclusões, justificava: "não encontradas provas", "parece-me", "deve ser", "sou de opinião", "não nos parece", "não encontrei referência alguma", "à luz dos documentos irretorquíveis". Pesquisador sério recolhia-se, havia que exercer a neutralidade, a isenção.

Questionando-nos sobre o que representa o conjunto da produção de Borges Fortes, destacando *Casaes* e *Rio Grande de São Pedro*, consideramos que, pela quantidade e qualidade dos documentos que apresentam, elas avultam em importância para a nova geração de estudiosos da historiografia rio-grandense. Acrescentamos a esta afirmação, o reconhecimento de que o período histórico focado nesta bibliografia não tem recebido dos historiadores atenções maiores, daí a ausência de análises críticas construtivas, cujo mote são os interesses políticos na construção de uma identidade regional sulina imbricada à nacional. Os primeiros tempos de vida do IHGRGS foram dedicados à construção de um discurso verde e amarelo, visando o fortalecimento da comunhão brasileira, facilitando o ingresso do RS nos interesses políticos do Brasil.

⁴⁰ Somente a partir dos anos 70/80, com o incremento dos cursos de Pós-Graduação no RS é que novos aportes historiográficos são introduzidos na produção histórica sul-riograndense.

BIBLIOGRAFIA:

BARCELLOS, Rubens de. Esboço da formação social do Rio Grande. In: **Estudos Rio grandenses: motivos de história e literatura**. [2ª Ed.]. Porto Alegre: Globo, 1960

CESAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul- período colonial** [2ª Ed.]. Porto Alegre: Globo, 1970.

_____. **O contrabando no sul do Brasil**. [2ª Ed.]. Caxias do Sul: universidade de Caxias do Sul, 1983.

_____. **Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul** [2ª Ed.]. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1981.

FERREIRA FILHO, Arthur. **História geral do Rio Grande do Sul**. [4ª Ed.]. Porto Alegre: Globo, 1974.

FORTES, João Borges. **Casaes- História**. Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1932.

_____. **Os casais açorianos: presença lusa na formação do Rio Grande do Sul.** [2ªEd.] Porto Alegre: Martins livreiro, 1978. Coordenação editorial e notas Rodrigues Till .

_____. **Os casais açorianos: presença lusa na formação sul-riograndense.** [3ªEd.] Porto Alegre: Martins livreiro, 1999.

_____. **Rio Grande de São Pedro: Povoamento e Conquista.** Rio de Janeiro: Gráficos Bloch, 1940. (2ª Ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2001)

GUTFREIND, IEDA. **A construção de uma Identidade:** Historiografia do Rio Grande do Sul de 1924 a 1975. (Tese. mimeo USP, 1989).

LIMA, A .G. **Chronologia da História Rio -Grandense.** Porto Alegre: Globo, 1928.

MORAES FILHO, Evaristo (Org). **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1978, p. 29

PESAVENTO, Sandra J. **História do Rio Grande do Sul.** [5ª Ed.] Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

PORTO, Aurélio. **História das missões orientais do Uruguai.** V. III, 1ª Parte. Porto Alegre: Editora Selbach, 1954.

_____.**Notas ao Processo dos Farrapos.** 5 vol. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do Arquivo Nacional, 1933-1935.

_____.**Terra Farroupilha: formação do Rio Grande do Sul.** (v. comemorativo ao 2º centenário da Fundação do RS. 1737-1937. [S/l:S/n.], 1937.

VARELLA, Alfredo. **História da Grande Revolução: o ciclo farroupilha n Brasil.** [vol.6]. Porto Alegre: Globo. 1993.

VELLINHO, Moysés. **Fronteira**. Porto Alegre: Globo, 1975.

Revistas e Artigos:

Revista IHGRGS. Porto Alegre, III e IV trimestres 1931, nº 43/44, ano XI, p. 131-61

FORTES, João Boges. **Troncos seculares: o povoamento do Rio Grande**. In: Revista IHGRGS. Porto Alegre, I trimestre 1932, nº 45, ano XII, p. 03-14

_____. **O Brigadeiro José da Silva Paes e a Fundação do Rio Grande**. In: Revista IHGRGS. III trimestre 1933, nº 51, ano XIII, p. 03-119

_____. **A frota de João Magalhães**. In: Revista IHGRGS. Porto Alegre I trimestre 1934, nº 53, ano XIV, p. 63 -93

_____. **O povoamento do Rio Grande**. In: Revista IHGRGS. Porto Alegre III trimestre 1934, nº 55, ano XIV, p. 123-46

_____. **Velhos caminhos do Rio Grande**. In: Revista IHGRGS. Porto Alegre IV trimestre 1938, nº 72, ano XVIII, p. 203-54

_____. **O levante dos Dragões do rio Grande de 1742**. In: Revista IHGRGS. Porto Alegre II trimestre 1939, nº 74, ano XIX, p. 217-23

_____. **Fundação do Rio Grande**. Vol. 2 dos Anais do II Congresso de História e Geografia Sul -Rio-Grandenses. Porto Alegre. Livraria do Globo, 1937, p. 203-39.

_____. **A Estância**. In: Revista IHGRGS, nº 93. Porto Alegre, 1944, p. 8-26.